

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****A vida nas cartas em tempos de solidão**

Em miúdo, em aldeias do interior, dizia-se que fulano ou sicrana tinha ido consultar um(a) “vidente”. Hoje com as tecnologias existentes nem é preciso sair de casa

**José António Moreira**

A televisão na parede não era aquele adereço que ninguém vê ou ouve. A sala de espera tinha poucas pessoas, o nível de ruído baixo, o som do aparelho era audível.

“A vida nas cartas”, assim se chamava o programa transmitido pela SIC. Uma senhora, a “vidente”, respondia em directo às perguntas que os telespectadores lhe colocavam através de uma daquelas linhas telefónicas “caçadores”, agora tão em voga nos nossos canais televisivos.

“Ó querida, tem de ligar outra vez, pois só pode colocar uma pergunta por telefonema”. E poucos minutos depois, quando o afluxo de chamadas abrandava, motivava os telespectadores a telefonarem com a oferta de duas, ou mesmo três perguntas pelo preço de uma. Estas giravam em torno do amor, das finanças pessoais, da saúde e da antevisão do futuro.

“Tenho dúvidas se devo pedir um empréstimo para pagar a dívida que tenho”, referiu a telespectadora, com voz sofrida de alguém que se sentia perdida. “Ó minha querida, é claro que

deve pedir o empréstimo”, foi a resposta imediata, sem qualquer tipo de “mas” ou pedido de informação extra. Desta vez nem as “cartas deitou”, a resposta saiu automática. (Como é que alguém, sem saber as condições do empréstimo, podia dar tal tipo de parecer?).

“As dores que sinto no estômago há algum tempo não passam, que acha que devo fazer?”, outra pergunta. “Ó querida (se a memória não me falha, nesse dia apenas mulheres telefonaram), tome um pouco de água morna ao levantar, porque isso devem ser cólicas ... isso vai passar”. Sem formação na área, e sem informação que permitisse perceber o verdadeiro problema da pessoa que telefonava, a “vidente” acabara de fazer um diagnóstico médico e prescrever tratamento. (A Ordem dos Médicos, sempre tão atenta, ainda não se deve ter apercebido desta concorrência).

Nos tempos de miúdo, vivendo numa aldeia do interior, ouvia dizer, de vez em quando, que fulano ou sicrana tinha ido consultar um(a) “vidente” para resolver um “problema”. Hoje com as tecnologias existentes, nem é preciso sair de casa. Basta pegar no telefone e ligar. O que não esperava era que esse tipo de actividade tivesse lugar em directo, em canal de sinal aberto. Possivelmente o exercício da actividade nos moldes descritos não colidirá com a Lei. As pessoas são livres de tratar, só telefona e aceita os conse-

lhos da “vidente” quem quer. No domínio da ética, porém, a actividade tem contornos de fraude, pois se aproveitada da extrema fragilidade emocional de alguém para gerar um proveito a “troco de nada”.

Em muitos casos essa fragilidade estará ligada, julgo, à solidão. Tem-se discutido muito a questão da natalidade, procurando soluções para o respectivo fomento. Estou de acordo, embora considere a justificação subjacente, a de olhar os nascituros como garante do pagamento das pensões futuras, puramente materialista. O que não tem sido discutido é a solidão, salvo quando mais um cadáver é descoberto depois de muitos meses sem ninguém se ter apercebido do falecimento. Os idosos são as vítimas privilegiadas deste drama social, embora este seja etariamente transversal. Muitas dessas solidões, tenho a certeza, alimentam as linhas de valor-acrescentado. Programas inenarráveis como “A vida nas cartas” mantêm-se na grelha de programação de um canal de televisão em sinal aberto porque cada um, em particular, a sociedade, como um todo, tem cada vez menos tempo para tomar conhecimento da existência do outro. E para com ele interagir.

*Escreve à sexta-feira*



**A solidão dos idosos é também um grave problema da nossa sociedade**

**SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Uma nova sensibilidade*

As “primárias” do PS têm tido muita ressonância mediática, e nem sempre por bons motivos, mas há um aspecto a ter em conta e a ser valorizado: a contenção dos dois candidatos quanto a promessas. Na verdade, e nas circunstâncias actuais do país, quanto menos se prometer, melhor e maior credibilidade se pode ganhar junto do cidadão normal, escaudado que está de um dia antes das eleições ouvir jurar a pés juntos que não haverá mais impostos, e um dia depois das eleições subir os impostos. Na verdade, basta de aldrabice. Posto isto, ainda houve pelo menos uma promessa que bem se podia ter evitado. Aquela coisa de se prometer que se demite de primeiro-ministro se for obrigado a aumentar a carga fiscal, não passa de uma criancice de quem não tem estofo para arcar com responsabilidades. Não sou dos que pensam que o confronto de António no interior do PS atinja de morte o partido. Muito pelo contrário. A paz podre que se poderia instalar é que iria limitar o papel do PS como força política. O agitar das águas e o debate de ideias e de propostas (poucas, é certo, muito poucas!) vai certamente galvanizar os simpatizantes e os cidadãos em geral.

Mas é conveniente não ter muitas esperanças num futuro próximo risonho. O apertar do cinto vai continuar e, nalguns casos, nada voltará a ser como dantes. Quem estiver um pouco atento à evolução das sociedades, perceberá seguramente que o Estado Social para se manter terá de ser reestruturado. Mas tudo isto se terá de construir com base em premissas que até hoje foram quase sempre ignoradas: não são os mais fracos, os jovens, os reformados, nem os que vivem do salário do seu trabalho, que devem pagar a maior fatia de uma crise criada por banqueiros e financeiros gananciosos e políticos corruptos; não se deve governar com arrogância e uma despropositada violência social; quem governa tem de inculcar esperança no cidadão comum e preparar um futuro de bem estar e harmonia.

Já se percebeu que nada virá a ser muito diferente, mas se a sensibilidade social for outra, já os ganhos colectivos serão imensos. *Escreve à sexta-feira*